

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA¹

MUSIC AS INSTRUMENT OF INTERVENTION PSYCHOPEDAGOGICAL

Maria Inês de Souza Azevedo Mello*

Resumo

Este artigo busca tratar a música como possibilidade de ajuda cognitiva através do estudo de um instrumento musical, para auxiliar alunos com dificuldades de aprendizagem, que é o objeto de estudo da Psicopedagogia. Inicialmente é feita uma abordagem sobre a Psicopedagogia, com foco nas dificuldades de aprendizagem relacionadas à cognição, que são concentração e memorização. Posteriormente, o enfoque é na música e sua relevância, sua função terapêutica no corpo e nas emoções, as implicações do estudo de um instrumento musical, sua relação com a cognição e a intervenção psicopedagógica na qual ela é utilizada.

Palavras-chave

Música. Psicopedagogia. Intervenção psicopedagógica. Instrumento musical.

Abstract

This article searches to consider the music as possibility cognitive help through studying of a musical instrument, helping students with learning disabilities, which is object of study of Psychopedagogy. At first is done an approach about Psychopedagogy with a focus on the learning difficulties related to cognition (concentration and memory). Later the focus is on the music: its relevance, its therapeutic function in the body and emotions, the implications of the study of a musical instrument, its relation with the cognition and the use of the psychopedagogical intervention.

Key words

Music. Psychopedagogy. Psychopedagogical Intervention. Musical Instrument.

Psicopedagogia: definição e abrangência de atuação

A Psicopedagogia é entendida como uma área de estudo relacionada à aprendizagem escolar, tanto no que diz respeito ao seu desenvolvimento normal, quanto às dificuldades que possam apresentar no percurso. Pode estar ou não ligada

¹ Artigo escrito sob orientação do Professor Doutor Pedro Lyra, com co-orientação da Professora Doutora Maria Cristina dos Santos Peixoto, no Mestrado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF

* Mestranda em Cognição e Linguagem – UENF

aos problemas de ordem neurológica, auxiliando na identificação das dificuldades de aprendizagem e oferecendo opções de intervenção, com o objetivo de que haja uma diminuição ou solução destes problemas, evitando assim conseqüências indesejadas, como a multirrepetência, o fracasso escolar e a evasão.

As intervenções psicopedagógicas têm um caráter multidisciplinar devido à complexidade e diversidade dos problemas de aprendizagem, buscando conhecimento em diversas outras áreas de conhecimento, principalmente, na psicologia e na pedagogia. Sua proposta é integrar, de modo coerente, conhecimentos e princípios de distintas ciências humanas, visando adquirir uma ampla compreensão sobre os variados processos inerentes ao aprender, segundo Beuclair (2004).

Para que os objetivos da intervenção psicopedagógica sejam cumpridos, é preciso que todos os envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem reflitam sobre a situação-problema. E refletir sobre os problemas de aprendizagem consiste em procurar compreender a forma como o aluno está utilizando os elementos do seu sistema cognitivo e emocional para aprender. Significa também pensar as relações que se estabelecem entre o aluno e o conhecimento, as quais são apresentadas pelo professor e pela escola.

A abrangência de atuação da Psicopedagogia é bem ampla e envolve, além do ambiente escolar, oferecendo um atendimento individual ou grupal, os campos das empresas, hospitais e pode estar presente em quaisquer instituições onde existam grupos de pessoas reunidas necessitando superar as dificuldades de relacionamento, pois segundo Beuclair (2010), a função de um psicopedagogo institucional é:

[...] fomentar e avaliar ações quanto à aprendizagem do indivíduo no contexto grupal, facilitando a construção e o compartilhamento do conhecimento coletivo, incentivando novas formas de relacionamentos, criando harmonia entre gestores e colaboradores, podendo atuar junto ao profissional de RH, assumindo um papel importante, avaliando e controlando a aprendizagem, favorecendo a qualidade nos processos de recrutamento, seleção e organização de pessoal, bem como, levantando o diagnóstico organizacional, dando subsídios significativos e perfis específicos, estabelecendo princípios didáticos aos treinamentos. É utilizar possibilidades

criativas e eficazes através da reflexão grupal e assim, conseguir, uma real transformação do indivíduo, e isso é aprendizagem.

Apesar de ser ampla a abrangência de atuação da Psicopedagogia, o enfoque deste trabalho será voltado exclusivamente para a área da aprendizagem escolar.

Dificuldades de aprendizagem

Para que se possa entender o que são as dificuldades de aprendizagem, é necessário, inicialmente, que haja uma compreensão do que seja aprendizagem. Segundo Fonseca (2007), a aprendizagem compreende um processo funcional dinâmico que integra quatro componentes cognitivos essenciais:

- **input** (auditivo, visual, tátil-cinestésico, etc.);
- **cognição** (atenção, memória, integração, processamento simultâneo e seqüencial, compreensão, auto-regulação, etc.);
- **output** (falar, discutir, desenhar, observar, ler, escrever, contar, resolver problemas, etc.);
- **retroalimentação** (repetir, organizar, controlar, regular, realizar, etc.).

Deve-se considerar dificuldade de aprendizagem como um transtorno constante que afeta a maneira como o indivíduo retém e expressa informações. Estas informações que entram ou que saem podem ficar desordenadas na medida em que viajam entre os sentidos e o cérebro. É por isso que os problemas de aprendizagem contrariam a harmonia do desenvolvimento, segundo Gouveia (2006), levando o indivíduo a apresentar atrasos cognitivos significativos na relação potencial de aprendizagem normal e o seu aproveitamento escolar abaixo do esperado e considerado dentro da média.

As razões pelas quais uma criança não aprende na escola podem ser multifatoriais, bem como as classificações dos problemas de aprendizagem. Estas razões podem ser não apenas de aprendizagem, mas também, ou somente, de “ensinagem”, com aulas desestimulantes, sem atrativos, sem didática adequada e sem a utilização de meios que favoreçam uma aprendizagem satisfatória. Segundo Ciasca (2004), são três áreas específicas que envolvem as dificuldades de aprendizagem:

- fisiológica- são caracterizadas geralmente por déficits neurológicos, problemas de ordem física que atrapalham no desenvolvimento cognitivo, como

paralisia cerebral, deficiência mental, epilepsia e deficiências sensoriais;

- socioambiental- refere-se a inadequações socioeducacionais, como ambiente escolar precário, professores despreparados, com uma formação acadêmica insuficiente e/ou de qualidade insatisfatória e também questões relacionadas com o ambiente familiar;
- desenvolvimentista- indica que uma falha no desenvolvimento poderia ser a causadora da dificuldade de aprendizagem, como os quadros psicológicos e/ou psiquiátricos: TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), depressão infantil, ansiedade, estresse, bem como questões emocionais.

Não se pode depositar a responsabilidade do fracasso escolar e as dificuldades na aprendizagem apenas no aluno. Antes da realização de quaisquer intervenções psicopedagógicas, é necessário que se desenvolva um estudo interdisciplinar para diagnosticar cada caso, envolvendo diferentes especialistas e profissionais da saúde e da educação. Existem casos que necessitam da intervenção de psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, neurologistas ou mesmo aqueles em que o problema pode ser resolvido dentro do contexto escolar, por meio de programas individualizados de ensino e práticas pedagógicas diferenciadas.

Como os fatores que podem interferir no processo ensino-aprendizagem são diversos, não se pode deixar de investigar o ambiente no qual a criança vive e a metodologia utilizada nas escolas (fatores socioambientais), antes de se direcionar a intervenção psicopedagógica, pois a criança pode não ter uma dificuldade de aprendizagem, mas apenas uma dificuldade de adaptação à metodologia utilizada pelo professor, ou ao ambiente escolar, como também a ausência de estímulos dentro de casa ou acompanhamento escolar de seus familiares.

O processo de ensino-aprendizagem requer uma integração entre afetividade, cognição e ação e, nas pessoas que não apresentam dificuldades, esta integração acontece, favorecendo assim a aprendizagem. Mas, aqueles que, por algum motivo, apresentam dificuldades, esta integração aparece cheia de obstáculos, em desorganização, provocando tensão diante das situações que envolvem o aprender. O não conseguir aprender por repetidas vezes faz com que o indivíduo forme de si uma imagem de derrotado, desenvolvendo baixa auto-estima, levando-o à inibição ou afastamento de novas situações de aprendizagem, podendo gerar um círculo vicioso do fracasso, pois quanto mais ele se sente inferiorizado, mais estará propenso ao insucesso, e menos poderá conseguir aprovação a partir de seu desempenho.

Após esta visão geral do que significam as dificuldades de aprendizagem e

suas implicações, será apontada a direção do enfoque que se pretende dar neste ponto do trabalho, que são aquelas que têm relação com a cognição: concentração e memorização.

Concentração

Concentração significa direcionar esforços mentais para a realização de uma determinada atividade, situação ou problema.

Existem vários fatores que podem prejudicar a concentração:

- Estímulos externos, que são aqueles provenientes do ambiente, como ruídos, objetos, imagens, pessoas, músicas, odores, etc.;
- Estímulos internos, que são os da própria pessoa, como imagens mentais, pensamentos, lembranças, preocupações e emoções;
- Problemas psicológicos, que envolvem dificuldades de ordem financeira, relacionamentos familiares e sociais, problemas de doença e também questões religiosas, que muitas vezes impõe determinados tipos de comportamentos castradores e inibidores da auto-expressão.

As dificuldades de concentração que se apresentam nos estudantes, são problemas relacionados à atenção necessária tanto na hora da aula quanto no estudo individual para fixação e entendimento da matéria estudada. Segundo Gonçalves (2011), a criança com problemas relacionados à concentração,

[...] sente dificuldade em fixar a atenção não selecionando os estímulos relevantes dos irrelevantes. Ela apresenta geralmente problema de selecionar quando dois ou mais estímulos estão presentes. A atenção é controlada pelo tronco cerebral e quando a unidade funcional é afetada o cérebro está impedido de processar e conservar as informações, pondo em risco as funções de decodificação e de codificação. [...] A atenção compreende uma organização interna e externa de estímulos, organização indispensável à aprendizagem, caso contrário as mensagens sensoriais são recebidas, mas não integradas.

Os estímulos extra-escolares existentes hoje, como internet (com todas as suas redes sociais), vídeo-game, televisor, celular, entre outros, fazem com que muitas vezes a atenção da criança seja dividida e desviada para algo que se apresenta

como mais atraente que a escola, tirando o foco dos estudos e ocasionando numa dispersão que pode desembocar numa dificuldade na aprendizagem.

Apesar deste reconhecimento dos estímulos que se constituem em instrumentos dispersivos, não se pode evitar o seu uso, pois o mundo tecnológico está cada vez mais desenvolvido, apresentando todos os dias novidades que deixam as pessoas estarecidas. Já que seu uso não pode ser evitado, que seja ao menos feito com bom senso e moderação para que o seu excesso não prejudique a concentração necessária, levando à dificuldade de aprendizagem.

O estudo de um instrumento musical tem importantes aspectos que podem ajudar na melhora da concentração, como, por exemplo, quando o músico toca com outros instrumentistas, fazendo o que se chama de música de câmara: é preciso ter atenção para tocar na hora certa (porque muitas vezes o instrumento executa apenas algumas partes da música); estar bem conectado com os outros músicos para que a velocidade da música seja constante, não variando o andamento; no caso de se ter um maestro, estar muito atento para suas orientações e variações de interpretações; executar o próprio instrumento com o máximo de perfeição possível e, para tanto, faz-se necessária uma grande concentração devido à complexidade das implicações da execução, com necessidade de boa leitura da partitura com todos os seus símbolos, bem como as técnicas referentes ao próprio instrumento.

É por isso que, após esta descrição do que constitui a prática da música em conjunto, pode-se afirmar que o estudo de um instrumento musical pode ser considerado como importante ferramenta no auxílio do exercício da concentração, ajudando o indivíduo a manter sua atenção direcionada, objetivando uma boa execução de seu próprio instrumento, via utilização de técnica instrumental adequada e eficiente leitura da partitura, além de oportunizar o prazer de ouvir o bom resultado com a harmonia conquistada pelos músicos do grupo.

Memorização

Uma definição muito adequada de memória foi dada por Cardoso (S/D) que escreveu em seu artigo:

Amemóriaéumafaculdadecognitivaextremamenteimportante porque ela forma a base para a aprendizagem. [...] Assim, a memória envolve um complexo mecanismo que abrange o arquivo e a recuperação de experiências, portanto, está

intimamente associada à aprendizagem, que é a habilidade de mudarmos o nosso comportamento através das experiências que foram armazenadas na memória; em outras palavras, a aprendizagem é a aquisição de novos conhecimentos e a memória é a retenção daqueles conhecimentos aprendidos [...]. Assim, aprendizagem e memória são suportes para todo o nosso conhecimento, habilidades e planejamento, fazendo-nos considerar o passado, nos situarmos no presente e prevermos o futuro.

Quando ocorre uma insuficiente assimilação dos conteúdos estudados pelos alunos, pode-se dizer que está acontecendo uma dificuldade de memorização, que traz a reboque um obstáculo para o raciocínio, pois este consiste em comparar as informações existentes na memória, seja entre dados isolados ou conceitos. Se há insuficiente memorização, o raciocínio fica prejudicado, acarretando numa dificuldade de aprendizagem, pois esta depende da capacidade do indivíduo de raciocinar.

A aprendizagem está diretamente ligada à capacidade de memorização. É por isso que quando uma criança apresenta problemas com a retenção dos conhecimentos estudados, as dificuldades de aprendizagem começam a surgir, pois segundo Lieury (2001), a aprendizagem depende da estimulação constante da memória.

Os fatos carregados de emoção ficam muito bem registrados na memória, mas ela não registra, ou registra de maneira insatisfatória os fatos desinteressantes, banais ou corriqueiros. Quanto mais sentidos são envolvidos no processo de aprendizagem, melhor é a retenção dos conhecimentos, e isso envolve cores, sons, gestos, músicas, imagens e odores, que constituem elementos fundamentais para a aprendizagem.

A memória deve ser exercitada constantemente como condição para o seu funcionamento satisfatório, bem como para sua expansão. Quanto mais a memória é utilizada e trabalhada, mais o indivíduo aumenta sua capacidade de retenção de informações e conhecimentos.

Segundo Sé (2005), existe uma plasticidade na memória dos indivíduos e por meio de técnicas específicas é possível aumentar a eficiência da gravação de informações e até mesmo reverter ou compensar déficits cognitivos.

Um excelente exercício para o treino da memória é o estudo de um

instrumento musical. Neste estudo a memória é treinada de forma prazerosa e eficaz. Memorizar cada nota que deve ser tocada para que a música aconteça é um grande feito da memória, segundo Jourdain (1998, p. 222), que afirma que “A capacidade de lembrar uma composição inteira, nota por nota, [...] talvez seja o mais notável feito de memória da experiência humana”.

Para que se toque um instrumento musical é necessária a memorização de vários símbolos e de vários sons que caracterizam as notas musicais. Dependendo da complexidade do instrumento, o exercício da memória pode variar de intensidade.

A execução de um instrumento musical exige a integração de várias funções distintas. Se o instrumento for o piano, por exemplo, é necessário ler a partitura, com toda sua simbologia e riqueza de detalhes. Isto envolve as notas musicais escritas na pauta, as figuras que indicam a duração de cada nota, a localização destas mesmas notas no instrumento e os dedos que devem ser usados para tocar cada uma das notas escritas. Existe também a dinâmica indicada que consiste em tocar mais suave ou mais forte, variando a intensidade das notas de acordo com o trecho da música, previamente marcada pelo compositor.

Com toda esta riqueza de detalhes, pode-se concluir que executar um instrumento musical exige a utilização e integração de diversos tipos de funções e memórias, sendo que cada uma dessas funções requer ativações de várias partes do cérebro.

Intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem

A intervenção psicopedagógica é a interferência de um profissional, que pode ser o educador, o psicopedagogo, o pedagogo, ou qualquer profissional que trabalha na equipe multidisciplinar psicopedagógica, atuando no sentido de investigar, detectar e buscar solucionar os problemas do processo de aprendizagem apresentados pelo indivíduo.

Rubinstein (2006, p. 189-190) afirma que um dos objetivos da intervenção psicopedagógica é:

[...] desenvolver as condições para o sujeito da aprendizagem melhorar sua integração em relação às funções cognitivas e eventualmente alterar sua posição com o conhecimento e o saber. Parte-se do pressuposto de que atrás do manifesto,

da dificuldade em si, está o sentido latente. Esse pressuposto interfere na perspectiva de como se analisa a produção escolar, bem como se estabelece o contato com a criança ou o jovem. Essa posição exige um levantamento constante de perguntas, não para obtenção de respostas imediatas, mas questionamentos que ocorrem durante as sessões.

O procedimento da intervenção psicopedagógica deve iniciar-se com uma profunda investigação, com entrevistas seguindo um roteiro pré-determinado e devidamente adaptado a cada caso, começando com os pais, posteriormente o sujeito e por fim deve-se ouvir a escola e a equipe de docentes que está inserida no contexto do investigado.

Este procedimento é chamado pelos psicopedagogos de anamnese, que consiste nesta busca detalhada por informações via entrevistas, que podem nortear o rumo da intervenção psicopedagógica, pois, conforme afirma Gouveia (2006, p. 69), “o diagnóstico é um momento fundamental no trabalho psicopedagógico, pois a partir dele se determina a direção da intervenção a ser feita”.

A partir desta *anamnese*, é necessário um estudo detalhado com base em todos os dados coletados, a fim de se definir os procedimentos a serem adotados, que tipo de intervenção será feita e se outros profissionais serão envolvidos no processo, pois um psicopedagogo muitas vezes age com uma equipe multiprofissional, que pode incluir fonoaudiólogo, psicólogo, neurologista, psicanalista, entre outros, por entender que não domina todas as áreas do conhecimento, valorizando, assim, a competência de outros profissionais.

Um grande benefício desta intervenção é que “vai sustentar a relação do indivíduo com o conhecimento para aumentar sua consciência sobre o seu processo de conhecer, em relação às suas estruturas cognitivas”, de acordo com Campos (1999, p. 207).

No processo da intervenção psicopedagógica, não se pode esquecer de incluir a família. Em muitos casos de dificuldades de aprendizagem, o problema vem da própria família, mesmo que seja de forma não intencional. Os pais podem estar agindo de maneira errada, seja com cobranças exageradas, estabelecendo metas para seus filhos acima do que eles podem atingir, ou no outro extremo, com uma atitude de indiferença, sem se importar e nem se envolver com os estudos deles, não dando atenção aos seus pedidos de socorro, mesmo que silenciosos, quando algo errado acontece, ou simplesmente sem parar para ouvir seus

problemas, angústias, anseios, expectativas e sonhos.

Neste mundo em que o *ter* é mais importante que o *ser*, no qual as pessoas vivem correndo de um lado para o outro, numa busca incessante por realização pessoal e sucesso, seja financeiro ou profissional, envolvidas com trabalhos, estudos, compromissos e muitas atividades, as crianças têm recebido pouca atenção e acompanhamento da parte de muitos pais.

A música e sua relevância

Uma das expressões artísticas mais antigas da humanidade é a música. Através dela o indivíduo pode se expressar, se comunicar e interagir com o mundo. Alvarez (2008, p. 67), afirma que:

Muitos filósofos dedicaram especial atenção à música em seus estudos e a consideraram desde sempre uma parte importante da educação. Platão afirmava que “o ritmo e a harmonia chegam a todas as áreas d’alma e toma posse delas, outorgando graça ao corpo e mente que apenas se encontram em quem tenha sido educado de forma correta.” Aristóteles também promoveu a educação musical integral, pois estava convencido de que “alcançamos uma certa qualidade de personalidade graças a ela”. Confúcio considerava que a música exercia influência tanto pessoal como política: ‘O homem superior pretende promover a música como meio de aperfeiçoamento da cultura humana. Quando a música prevalecer e conduzir as pessoas para seus ideais e aspirações, contemplaremos o panorama de uma grande nação’.

Como bem expôs Lyra (2009), “a música é uma arte rítmica, que se define por sua progressão no espírito e, portanto, ocupa um lugar imaterial no tempo”.²

Existem registros muito antigos de instrumentos musicais que foram feitos com o objetivo de imitar os sons da natureza, dos pássaros, do trovão, do vento nas árvores e dos animais da floresta. Na Bíblia, no Antigo Testamento, são citados alguns instrumentos musicais, já no primeiro livro, o de Gênesis, no capítulo 4,

² LYRA, Pedro. “As Três Formas Culturais de Conhecimento” - Texto utilizado no curso Cognição e Linguagem da UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2009.

como a harpa e a flauta.

Ouvir música pode provocar sensações, emoções, lembranças de momentos vividos e sentimentos multiformes. Ela é uma arte muito valorizada e utilizada para auto-expressão e também com o intuito de despertar nos ouvintes emoções as mais diversas. Existem muitos estudos na área da musicoterapia que comprovam a eficácia de seu efeito terapêutico na cura de várias doenças, pois a música interfere na saúde física, mental e emocional do homem, podendo atuar melhorando o sono, o humor, atenuando a ansiedade e o stress, que são males muito recorrentes neste conturbado século XXI.

Diante do poder da música e da relação que se tem direta ou indiretamente com ela, fica clara a sua abrangência em todas as idades da vida humana, como afirma Gainza (1988, p. 22-23): “A música e o som, enquanto energias estimulam o movimento interno e externo do homem, impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferente qualidade e grau”.

A linguagem musical vem sendo apontada, por um número cada vez maior de especialistas em todo o mundo, como uma das áreas do conhecimento mais importantes a serem estudadas no desenvolvimento da criança, pois a aprendizagem musical contribui para o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, emocional e afetivo e, principalmente, para a construção de valores pessoais e sociais de crianças, jovens e adultos, melhorando a agilidade cognitiva, a capacidade de administrar informações em conflito e de escolher aquela que melhor se aplica a cada situação.

O estudo de um instrumento musical, com a utilização da leitura de partituras, desenvolve a memória, a concentração e, ao tocar, melhora o controle motor, a coordenação e a expressividade emocional, podendo preparar o indivíduo para uma variedade de funções perceptuais e executivas, levando a um melhor desempenho e competência cognitiva, segundo Perret (2009).

A percepção da música, dos sons musicais e dos diversos timbres que existem, é assimilada de forma bem individualizada, varia de pessoa para pessoa, pois cada um traz suas próprias memórias e vivências, conforme afirma Gainza (1988, p. 25):

Um objeto sonoro ou instrumento musical qualquer tende a penetrar no campo auditivo dos sujeitos que se encontram dentro do seu raio de ação. As diferentes pessoas, segundo sua idade, educação e estado psicofísico, reagem de maneira

característica, mostrando menor ou maior atração ou apetite pelo “alimento” sonoro que está ao seu alcance ou lhes é oferecido, realizando o ato de absorção e internalização com diferentes graus de concentração, continuidade e finura.

Entende-se que ampliar a compreensão da música enquanto tipo privilegiado de linguagem no processo ensino-aprendizagem favorecerá o exercício da docência, bem como auxiliará a atuação psicopedagógica, influenciando para uma melhora cognitiva do educando, pois ao mexer com as emoções, torna a aprendizagem mais prazerosa e eficaz.

A influência da música no corpo e nas emoções

O homem deve ser olhado como um todo, não separando o corpo da mente e das emoções. Fisicamente o homem pode estar saudável, mas se suas emoções adoecerem, isto levará reflexos para sua saúde física, o que a psicologia chama de somatização, que consiste no aparecimento de sintomas de doença física sem explicação médica, gerada por conflitos psicológicos inconscientes.

Foi na Grécia antiga que se descobriu a influência da música no corpo humano. Aristóteles falava do verdadeiro valor terapêutico da música e Platão receitava música para a cura das angústias. Ele afirmava que “a música é o remédio da alma”, reconhecendo assim que sons produzem efeitos terapêuticos.

Comprova-se que a música exerce influência no humor das pessoas e na sua saúde física, tomando-se como exemplo a atuação de musicoterapeutas que fazem uso dela para ajudar na cura de muitas doenças e conseguem obter bons resultados. Um trabalho de musicoterapia feito pela psicóloga, Pólo (2009), com crianças vítimas de violência doméstica, mostrou a relevância do trabalho com a música e seus efeitos terapêuticos:

[...] eles desabafavam através do bater no tambor, pandeiro
[...] construindo canções que discorriam sobre a situação
vívida ao som do teclado, flauta, xilofone, etc [...] brincar com
música e com instrumentos auxilia os pacientes a expressarem
sentimentos de forma lúdica sem ansiedade. Esta técnica facilita
a expressão de estados emocionais, proporciona relaxamento,
descarga de tensão, interação, socialização, regras, normas

e propicia acolhimento. Parece que tudo tem relação com o poder da música, pois dentre todas as manifestações culturais do Homem, é a arte que mais atinge diretamente o ser humano, ou seja, é difícil quem não tem contato ou não é tocado pela música e sons.

Existem várias teses que explicam a funcionalidade da musicoterapia. Entre elas, encontra-se a de Puga (2004) que afirma:

[...] ao chegarem aos tímpanos, as ondas sonoras atingem o ouvido médio e ali são convertidas em impulsos nervosos. Viajando até o cérebro, esses impulsos são interpretados como sons por células diferenciadas e o deslocamento das vibrações acaba agindo como uma espécie de massagem nas cavidades cerebrais de ressonância. Isso, dependendo da qualidade do som, provoca efeitos benéficos ou maléficos para o organismo. 'Uma música mais melodiosa, mais terna, tem, de modo geral, efeitos analgésicos e de relaxamento porque leva a uma liberação de serotonina. Já sons estridentes, fortes ou desarmônicos hiperestimulam as células nervosas e provocam estresse neurional. É isso que faz com que a gente se acalme, se agite, chore, ria ou mesmo sinta raiva ao ouvir uma música', explica a musicoterapeuta Isabel Ferreira.

Dependendo do tipo de acorde ou melodia que se ouvem, emoções como alegria, tristeza e temor podem ser despertadas. Já a calma ou a excitação estão relacionadas com ritmo. Pode-se sentir saudades simplesmente por ouvir um timbre (característica particular de cada som) que se ouvia na infância, ou mesmo ter uma sensação de dor no peito ao escutar determinada melodia que faz lembrar de alguém que se ama e está distante ou que abandonou. Segundo Gainza (1988, p. 37):

[...] o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental do homem. Essa qualidade – o poder mobilizador da música – constitui a base da terapia musical ou musicoterapia.

É por isso que se pode afirmar que, entre os benefícios que a música traz para as emoções, se tem nas funções cognitivas e no comportamento a melhora do humor, do sono, da motivação, da autoconfiança, diminuição da ansiedade, auxílio no combate à tensão, ajuda na eliminação do stress, porque ela é capaz de ativar no cérebro os mesmos centros de recompensa que uma comida saborosa, droga ou sexo, e reduz as concentrações dos hormônios do stress, segundo Sé (2005).

Existem músicas apropriadas para cada situação da vida, guardando as devidas diferenças culturais. A música marcial sempre foi usada para despertar o espírito cívico e existem músicas próprias para cada solenidade ou ritual: marcha nupcial (para casamentos), marcha fúnebre (para velórios), cantigas de ninar (para fazer o bebê dormir), de aniversário (cantadas nas festas, como “Parabéns pra você”), hinos oficiais das escolas, hino nacional (muito cantado em solenidades importantes e em jogos internacionais), etc.

Segundo Silveira (2004), “o uso de uma música apropriada diminui o ritmo cerebral, contribuindo para haver uma equilibração no uso dos hemisférios cerebrais [...] e a música barroca, especialmente o movimento ‘largo’ (bem lento), propicia um bom aprendizado”.

Implicações do estudo de um instrumento musical

Uma das mais complexas atividades que homem pode fazer é tocar um instrumento musical, pois explora na sua totalidade seu sistema de conhecimento, levando a uma interdependência dos aspectos cognitivos, motores e emocionais, através de uma harmonia entre os sistemas auditivos e visuais, resultando numa articulação com o controle motor fino. Isso constitui numa exploração multi-sensorial, uma vez que fazem uso de sistemas neurais que interrelacionam o ouvido, a voz e o cérebro, com implicações para o desenvolvimento cognitivo.

Pode-se tomar como exemplo o piano. Este instrumento requer do músico a realização de movimentos complexos, que devem ser feitos de forma harmoniosa, racional e consciente com o objetivo de que se toque utilizando o mínimo possível de energia no desempenho musical, evitando movimentos exagerados e desnecessários que levam à dificuldade na agilidade. É necessário, também, que o estudo seja planejado e dividido de forma uniforme, que tenha regularidade e disciplina, proporcionando o melhor aproveitamento do tempo em contato com

o instrumento.

Cada tecla do piano emite um som diferente e cada uma das notas tem sua “cor”, sua identidade. São sete as notas musicais (do, re, mi, fa, sol, la e si), formando um total de doze sons e isto acontece porque cada nota pode ser alterada, tendo sua entonação modificada, com a utilização de símbolos que podem ser escritos ao lado esquerdo da nota na partitura, que são sustenido, dobrado sustenido, bemol e dobrado bemol.

O piano possui 88 teclas e as sete notas musicais vão se repetindo, mudando apenas sua altura, indo do mais grave ao mais agudo. As notas podem ser identificadas tendo como referenciais as teclas pretas, que são arrumadas em grupos de duas e três, conforme exemplo a seguir:



Figura 1: Teclas do piano

³ Imagem disponível em: <http://www.walmirsilva.com.br/iniciante/escala-musical>. Acesso em 6 de setembro de 2011.

O exemplo do piano mostra que este é um instrumento que exige a utilização das habilidades cognitiva e motora. A habilidade cognitiva é necessária porque quando uma partitura é lida, significa que todo um estudo já foi desenvolvido anteriormente, como a assimilação de símbolos musicais com todas as regras da teoria musical e a aplicação destes conhecimentos no instrumento. A habilidade motora é imprescindível, pois, para que se toque, é preciso ter técnica no manuseio do instrumento, colocando os dedos certos (cada dedo é identificado com um número) nas teclas certas, tocando devagar ou mais rápido e usando vários dedos ao mesmo tempo.

No estudo de qualquer instrumento musical se faz necessário o desenvolvimento do músico como um todo, não apenas nos aspectos das habilidades motora e cognitiva. Deve ser trabalhada a criatividade, a improvisação, a composição, a interpretação, a percepção, os conceitos de certo e errado, de belo e feio, de bom e ruim na música, oportunizando ao músico estudante um contato mais íntimo com seu instrumento. Assim, ele poderá ser estimulado a explorar todas as possibilidades sonoras, usando ao máximo sua criatividade, fazendo o que é chamado de *improviso* em música, que consiste exatamente nesta capacidade de criar que todo músico deve exercitar.

Outro importante aspecto que envolve o estudo de um instrumento musical é a interação que o músico precisa desenvolver com o mundo que o cerca, seja com os outros músicos que estão tocando com ele ou com o público que está assistindo seu concerto ou apresentação informal. De nada adianta um músico dominar todas as técnicas de seu instrumento, tocando maravilhosamente, se não consegue interagir com as pessoas que o cercam, segundo Gohn (2003).

Quando o músico participa de uma orquestra ou algum grupo musical, fazendo o que se chama de *música de câmara*, que consiste na prática musical em conjunto, vários aspectos estão envolvidos relacionados ao desenvolvimento do sentido de organização e disciplina, pois quando se toca em grupo, é necessário, além de cuidar para que a execução do próprio instrumento seja boa, ouvir a si mesmo e aos outros, esperando a sua vez de tocar.

Música e cognição

Segundo Gardner (1995, p. 21): “Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural”. Em sua teoria das inteligências múltiplas,

existem várias habilidades às quais ele chama de inteligências, que cada pessoa tem em diferentes graus e combinações e fazem parte da herança genética humana. Conforme o estímulo recebido e a cultura na qual está inserido, o indivíduo desenvolve mais uma ou outra(s) determinada inteligência.

Tais inteligências estudadas pelo autor se apresentam em um número de sete, e, entre elas está a musical, que se caracteriza pela habilidade de identificar sons, timbres e ritmos, compor ou reproduzir uma peça musical, bem como por tocar um instrumento musical ou cantar.

Alguns sons musicais são derivados da fala: a entonação, a pontuação, a exclamação, a interrogação, o tom da voz, que constituem elementos da linguagem verbal que encontram seus correspondentes na música. É por isso que pode-se afirmar que a música e linguagem são organizações sonoras que servem ao homem como veículos de expressão.

O'Donnell (1999) conta que Albert Einstein, apesar de ser considerado como um dos homens mais inteligentes que já viveu, poucos sabem que quando ele era criança, teve grandes dificuldades de aprendizagem, chegando ao ponto de seus professores das séries iniciais dizerem a seus pais para tirá-lo da escola porque ele era "*burro demais para aprender*" e seria um desperdício o gasto de recursos, investimento de tempo e energia em sua educação.

Sua mãe não achava que Albert era "estúpido". Ao invés de seguir o conselho da escola, os pais de Albert compraram-lhe um violino. Albert tornou-se um bom violinista. A música foi a chave que ajudou Albert Einstein a tornar-se um dos homens mais inteligentes que já viveu. O próprio Einstein disse que a razão pela qual ele se tornara tão inteligente era porque tocava violino.

O poder que a música possui para interferir na memória é impressionante. Conforme relata O'Donnell (1999), pesquisas foram realizadas comprovando que a música de Mozart e a música barroca, com um padrão de sessenta batimentos por minuto e que possui uma ordem que inclui repetição e alterações, com certos padrões de ritmo e tom, são capazes de ativar o cérebro nos lados esquerdo e direito e esta ação simultânea, quando estes dois lados do cérebro são ativados, maximizam o aprendizado e a assimilação de informações.

Atividades em que os dois lados do cérebro estão sendo ativados ao mesmo tempo, como tocar um instrumento ou cantar, fazem que o cérebro possa ser mais eficaz ao processar informações, levando-o a responder de forma especial aos estímulos recebidos.

Pesquisas revelam que os alunos que têm algum tipo de formação musical têm a tendência de trabalhar melhor em grupos e são capazes de executar várias tarefas de forma mais eficiente do que os alunos que não tiveram nenhuma formação musical.

Perret (2009) fez uma experiência com um quinteto de sopros numa escola onde os alunos tinham notas muito abaixo da média em testes estaduais de desempenho escolar. O quinteto tocava para os alunos e conversava com eles sobre música e instrumentos musicais. Esta experiência com música foi determinante na melhoria cognitiva destes alunos:

Um quinteto de sopros foi fazer música numa escola cujos alunos revelavam dificuldades de aprendizagem [...] Tudo começou nos primeiros anos da década de 1990 em conversas do maestro com seus músicos. No período letivo de 1994/5, o quinteto começou a concretização do projeto em Bolton, numa escola pública. Os alunos eram crianças do último ano do pré-primário e das três primeiras séries do ensino fundamental. Os resultados foram melhores que o esperado. As crianças que passaram por um currículo apoiado pelas atividades do quinteto revelaram progressos notáveis em linguagem e matemática.

Experiência como esta do projeto em Bolton só ratifica o que tem sido exposto e defendido neste trabalho com relação ao benefício da música na aprendizagem escolar, levando à melhora cognitiva.

Intervenção psicopedagógica via música

A música é uma linguagem da arte que toca as emoções com simplicidade e eficácia, sem que se tenha a necessidade de um estudo profundo, sabendo-se que todos conseguem sentir e perceber seus efeitos, desde os indivíduos mais cultos aos mais iletrados. Assim, é possível haver uma união entre esta linguagem da arte e a Psicopedagogia, objetivando uma melhora no desempenho cognitivo em alunos que necessitam de intervenção psicopedagógica.

Numa intervenção psicopedagógica com a utilização da música, através do estudo de um instrumento musical, deve-se ter grande cuidado com o que

se espera do aluno em termos musicais. Muitas vezes ele sofre com exigências descabidas de perfeição na execução de seus instrumentos, tirando o próprio prazer que a música deve proporcionar ao intérprete.

Sobre tal questão, Gainza (1988, p. 101) admite: “O objetivo específico da educação musical é musicalizar, ou seja, tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, respostas de índole musical”.

Observa-se muitas vezes que algumas pessoas executam seus instrumentos mecanicamente, sem que haja um envolvimento emocional com o que está sendo tocado, numa preocupação única de simplesmente acertar as notas escritas na partitura. Professores de música devem estimular a sensibilidade e percepção de seus alunos para que a música que está sendo executada toque primeiro a sensibilidade deles, como um convite sonoro para que penetrem no mundo dos sons, estimulando a imaginação, para que aqueles que a ouvirão sintam a sensibilidade da interpretação musical e também sejam tocados por ela, pois, ainda segundo Gainza (1988, p. 95):

Educar-se na música é crescer plenamente e com alegria. Desenvolver sem dar alegria não é suficiente. Dar alegria sem desenvolver tampouco é educar. Embora o aspecto do desenvolvimento propriamente dito encontre-se associado principalmente ao conhecimento das técnicas pedagógicas, o segundo aspecto, chame-se prazer, alegria, plenitude, participação ou motivação, relaciona-se mais de perto com aquilo a que chamamos intuição ou espírito pedagógico.

Uma intervenção psicopedagógica que tenha como ferramenta o estudo de um instrumento musical deve ser criteriosa com relação ao professor de música que atuará como mediador. É preciso que o psicopedagogo dê ciência a este professor do objetivo do estudo da música para que todos possam atuar com o foco da melhora cognitiva do aluno, sem que haja exigência de técnicas instrumentistas perfeitas, pois o objetivo é que este estudo do instrumento seja algo que proporcione felicidade e paz, trazendo equilíbrio emocional e não ansiedade na formação de um músico virtuoso que executa sua música de maneira perfeita.

Considerações finais

O aprendizado da música e de um instrumento musical, segundo Gainza (1988), ajuda no desenvolvimento cognitivo, auxiliando na memorização, na concentração, facilitando a percepção auditiva, a atenção, estimulando a memória imediata, o raciocínio abstrato, a imaginação e a criatividade, e estes benefícios não são restritos apenas ao momento do estudo de um instrumento musical, mas refletem-se nos vários setores da vida, sendo também válidos para todas as idades.

Todos têm condições de aprender um instrumento musical, pois são cercados por sons e ritmos com a audição de músicas desde a barriga da mãe, mesmo que não se tornem “virtuoses”. O ser humano é construído, desde a gestação, com o ritmo da respiração da mãe, as conversas e canções que o embalam. No útero, a partir do quarto mês de gestação, os bebês estão ligados ao mundo exterior e já ouvem.

Na vida do homem, a música é muito importante por ser um elemento que auxilia no seu bem estar. A criança que é estimulada a desenvolver a apreciação sensorial aprende a gostar ou não de determinados sons e passa a reproduzi-los e a criar novos, desenvolvendo sua imaginação e criatividade. E, segundo Ostrower (1996, p. 9):

Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo ‘novo’. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse novo, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

A música harmoniza o homem, conduzindo-o a padrões mais saudáveis de pensamento, sentimento e ação. Portanto, o estudo de um instrumento musical constitui-se importante ferramenta na intervenção psicopedagógica, podendo ser utilizado no auxílio a indivíduos com dificuldades de aprendizagem, especialmente as relacionadas à cognição, como as de concentração e memorização.

Referências

ALVAREZ, Maria Esmeralda B. *Exercitando as Inteligências Múltiplas* – dinâmicas de grupo fáceis e rápidas para o ensino superior. 2.ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

BARATO, Jarbas Novelino. *Música e melhoria da aprendizagem: projeto Bolton. Aprendente*. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://aprendente.blogspot.com/2009/01/msica-e-melhoria-da-aprendizagemprojeto.html>>. Acesso em: 27 nov. 2010.

BEUCLAIR, João. O que é Psicopedagogia? *Psicopedagogia Educação e Saúde* [on-line], 2004. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=98>>. Acesso em: 16 dez. 2010.

_____. *Psicopedagogia Empresarial: as possibilidades de atuação de um psicopedagogo numa empresa*, 2010. Disponível em: <<http://www.profjoaobeaclair.net/visualizar.php?id=1235591>>. Acesso em: 20 ago.2011.

CARDOSO, Silvia Helena. *Memória: o que é e como melhorá-la (S/D). Cérebro e Mente* [on-line]. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm>>. Acesso em: 4 ago.2011.

CIASCA, Sylvia Maria. *Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar*. In: _____. *Distúrbios e Dificuldades de Aprendizagem: Questão de Nomenclatura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. cap. 1, p. 19-32.

FONSECA, Vitor da. *Dificuldades de aprendizagem: na busca de alguns axiomas. Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v.24, n.74, 2007

GAINZA, V. Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus, 1988.

GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOHN, Daniel Marcondes. *Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

GONÇALVES, Roseli. *Processos Envolvidos na Dificuldade de Aprendizagem*, 2011. Webartigos [on-line]. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/63287/1/PROCESSOS-ENVOLVIDOS-NA-DIFICULDADE-DE-APRENDIZAGEM/pagina1.html#ixzz1TzF1I9IO>>. Acesso em: 4 ago.2011.

JOURDAIN, Robert. *Música, Cérebro e Êxtase: como a música captura nossa imaginação*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1998.

LIEURY, Alain. *Memória e Aproveitamento Escolar*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

O'DONNELL, Laurence. *Música e o Cérebro*, 1999. *Cérebro e Mente*. Disponível em: <<http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/musica.html>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

POLO, Christianne Kamimura. *Tocando Emoções: A Musicoterapia no CRAMI com crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica*, 2009. *Craminho Informa*. Disponível em: <http://www.crami.org.br/pop_craminho_anteriores_not10.asp>. Acesso em: 21 jun. 2010.

PUGA, Fernando. *Música para a saúde*, 2004. Disponível em: <<http://www.bolsademulher.com/corpo/musica-para-a-saude-3185.html>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

RUBINSTEIN, Edith R. *Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. *Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos*. In: CAMPOS, Maria Célia R. M. *Um caso de atendimento psicopedagógico clareado pela psicanálise: as possibilidades e os limites de uma intervenção psicopedagógica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. *O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

_____. Psicopedagogia: fundamentos para a construção de um estilo. In: GOUVEIA, Denise da C. *O uso clínico das provas piagetianas como protótipo do diagnóstico psicopedagógico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 69-100.

SÉ, Elisandra Vilella G.; LASCA, Valéria. *Exercite sua Mente - Guia prático de aprimoramento de memória, linguagem e raciocínio*. São Paulo: Prestígio Editorial - Ediouro, 2005.

SILVEIRA, Mara Musa Soares. *O Funcionamento do Cérebro no Processo de Aprendizagem*. Conteúdo escola [on-line], 2004. Disponível em: <<http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/124/42/>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

